

LUCY BERHENDS  
AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

MAIS DE 2 MILHÕES DE LEITURAS

# UM CEO

para chamar de *Meu*

1ª Edição

---

Santa Catarina - 2016



Copyright © 2016 Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

*Editora:* Simone Fraga

*Revisão:* Sônia Carvalho

*Capa:* Renato Klisman

*Diagramação de e-book:* Cristiane Saavedra

*Produção editorial:* Equipe Qualis Editora

---

#### DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

B4548u

Berhends, Lucy, 1978 -

Um CEO para chamar de meu/ Lucy Berhends. – [1. ed.] –

Florianópolis, SC: Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda, 2016.

246 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-68839-36-2

1. Literatura brasileira 2. Romance erótico 3. Ficção I. Título.

CDD – B869.3

CDU - 821.134.3(81)

---

1ª edição - 2016

# Índice

Capa

Ficha Técnica

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25  
Capítulo 26  
Capítulo 27  
Capítulo 28  
Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31  
Capítulo 32  
Capítulo 33  
Capítulo 34  
Capítulo 35  
Capítulo 36  
Epílogo 1  
Epílogo 2  
Agradecimentos



## Capítulo 01

*Não posso me atrasar, não posso me atrasar, não posso me atrasar.*

Repito essa frase depois de olhar pela terceira vez para o relógio e me dar conta de que não se passou mais de um minuto depois da última vez. Balanço as pernas em um hábito nervoso como se isso fosse capaz de me trazer mais calma. Não traz.

Eu sou daquele tipo de pessoa que tem o relógio como um terceiro braço sem o qual não posso sonhar em sair de casa, se é que você me entende, mas particularmente hoje eu tenho um bom motivo para isso.

Daqui a alguns instantes todos os funcionários da Editora Cavalcanti, a empresa onde trabalho, serão apresentados ao executivo e proprietário do complexo editorial Cavalcanti, um dos maiores no ramo. Definitivamente, não posso chegar atrasada hoje.

— Não esqueçam de ler o material e deixar tudo pronto para o seminário — essa é uma das poucas palavras que consigo escutar do meu professor de Linguística, já que minha mente teima em oscilar entre a sala de aula e o evento na editora hoje.

Olho mais uma vez para o relógio. Eu não sou do tipo distraída ou desatenta, mas eu nunca esperei tanto a hora do amém como estou

esperando agora.

— Vocês estão liberados por hoje. Tragam suas dúvidas na próxima aula.

Ufa! Finalmente a aula termina, e se eu tiver sorte, chegarei a tempo na empresa.

Recolho meu material de cima da mesa, jogando de qualquer jeito na mochila. Dirijo-me à porta da sala tão rápido quanto meus pés permitem, mas sou freada por uma voz grossa chamando o meu nome.

— Laís, você poderia vir até aqui, por favor?

*Não. Me diga que não estou escutando isso.* O chamado do meu professor está me fazendo xingar internamente todos os palavrões que vêm à cabeça.

Ah, merda. Hoje não é meu dia de sorte.

— Desculpe, professor. O senhor me chamou?

— Sim, Laís. Você geralmente é tão participativa e concentrada. Está acontecendo alguma coisa hoje? Parecia estar com a cabeça longe durante a aula.

*Você não imagina o quanto.*

Será que fui tão óbvia? Terminantemente não tenho tempo para essa merda agora. Por que eu simplesmente não me deito sobre um divã e conto para ele a tragédia que pode acontecer se eu não estiver no meu trabalho dentro de...

— Droga, já estou atrasada.

— O que disse? — ele levanta a sobrancelha, o que faz com que seus olhos fiquem bem maiores do que já são, escondidos atrás dos óculos fundo de garrafa.

— Professor Benjamim, eu tenho que me desculpar mais uma vez. É que hoje eu vou conhecer o dono da empresa onde trabalho e acabei me preocupando com a hora. Isso não vai voltar a acontecer.

— Tudo bem, Laís. Eu sabia que havia um motivo. O que você ainda faz aqui, menina? Já devia estar no caminho.

*Elementar, meu caro Watson.* Pelo amor de Deus, será que ele não se deu conta de que era exatamente isso que eu estava fazendo quando me

chamou?

— Obrigada, professor.

Saio correndo em direção ao estacionamento. Essa disciplina está longe de ser a minha favorita, mas ela é indispensável para que eu alcance o título de mestre em Letras.

A minha praia sempre foi literatura. Eu sempre gostei de me envolver com os personagens, viajar na história e sonhar. Sim, posso dizer que sou uma sonhadora.

Ah, não me apresentei? Perdão. Sou Laís Oliveira, tenho vinte e quatro anos, estatura média como a maioria das pessoas e cabelos claros, mas nada parecida com essas Barbies que você conhece. Sou mais como uma garota normal, cheia de carne e curvas nos lugares certos, eu acho.

Trabalho no centro de elaboração de material didático como revisora e nesse momento, estou revisando o livro de um autor conceituadíssimo com um cronograma mais que apertado.

— Ei, Laís, me espere! Preciso falar com você.

É a voz de Leandro. Ele é um grande amigo que conquistei na universidade e alguém a quem tenho grande estima, mas nem mesmo para ele posso parar agora.

O que há com o mundo querendo falar comigo hoje?

— Agora não dá, Leo. Pode me ligar à noite?

Ele está quase correndo para me alcançar, mas diminui os passos quando ouve o que digo.

— Está bem. Nos falamos depois. Bom trabalho.

Sim, eu espero que ele seja bom se eu conseguir mantê-lo, pelo menos. Me dividir na rotina entre a universidade e o trabalho está sendo cada dia mais difícil, cansativa, mas eu repito para mim mesma todos os dias que não há opção. *Você tem um sonho a conquistar, garota. Precisa fazer isso para alcançá-lo.*

Chego ao estacionamento e logo avisto o meu carro na primeira vaga do outro lado do campus.

— Tomara que o trânsito esteja calmo — faço uma prece em voz alta, ciente de que não tive tanta sorte nos últimos dias e acabei

chegando atrasada algumas vezes.

Abro a porta do meu Celta, jogo a mochila de qualquer jeito e faço menção de entrar no carro quando sinto uma mão grossa segurar meu braço. Santa paciência, quem está me impedindo de sair agora?

Olho para o lado apenas para me deparar com uma mulher vestida de cigana em seu vestido vermelho cheio de brilhos, moedas penduradas e um lenço de mesma cor cobrindo longos cabelos escuros.

Tento imaginar mil motivos para ela ter me parado, mas não encontro nenhum, então espero que ela dê o primeiro passo.

— Mostre-me a palma da sua mão e deixe que eu leia a sua linha do destino, menina. Estou sentindo sua áurea de energia e pressinto que terei boas notícias para você.

Boas notícias? Sério? Alguém ainda acredita nesse tipo de coisa? Para mim neste momento, boa notícia seria não encontrar engarrafamento a caminho do trabalho.

— Estou atrasada, senhora. Não tenho tempo pra isso agora.

— Apenas um minuto. É tudo que lhe peço e te garanto que não vai se arrepender.

Ah, claro. Ela vai dizer que eu vou encontrar o grande amor da minha vida um dia, que terei sucesso, saúde e, quem sabe, dinheiro. Não é isso que o universo inteiro está em busca?

Ignoro a voz insistente, entro no carro e giro a chave na ignição, ouvindo o ronco do motor que já está pedindo para ser aposentado. *Aguente firme, bebê, eu não posso te trocar agora*, falo com meu velho carro.

Começo a dar a ré para acertar o veículo e já me preparo para seguir meu percurso quando a velha insiste, parando na frente do carro.

*Ah, Deus, era só o que faltava.*

— Senhora, por favor, me dê licença.

Ela faz o que peço, mas não antes de se aproximar de minha janela e me deixar com o que pensar depois de sua última frase.

— Ainda hoje você terá uma grande surpresa. Não resista. Seu futuro depende da escolha que fará, menina. Boa sorte!



Ela não pode estar falando sério. Não tem uma frase mais clichê? É lógico que o meu futuro e o de qualquer pessoa depende das escolhas que fizemos. Eu, hein?

Assinto, sem tempo sequer para questionar suas premonições e acelero para o trabalho, tendo sorte de encontrar o trânsito quase livre. Talvez meu atraso não seja percebido, certo?

Estaciono o carro de qualquer jeito e entro na editora, tentando chegar o mais rápido possível à minha sala. Estou tão concentrada em alcançar o meu destino que não percebo alguém vindo em minha direção.

Oh, Deus! Como uma pateta, me esbarro em um homem no caminho.

Estou ciente que esse é o momento no qual eu deveria abrir a minha boca e pedir desculpas por ser tão desastrada, mas não consigo encontrar voz quando meus olhos encontram os... uau... dele.

Passeio com o olhar desde os sapatos negros perfeitamente lustrados e com aparência de caros, até um conjunto de terno cinza, certamente feito sob medida e que, sem dúvida, custa um ano do meu trabalho, chegando ao dono daquilo tudo que... oh, Senhor!

O homem não é nada menos do que sexy pra caralho com seus olhos de um castanho quase verdes, misteriosos, e cabelos negros que fazem um contraste perfeito com seus olhos. Ele deve estar na casa dos trinta, ostentando um corpo forte, cheio de músculos que o terno não está fazendo um bom trabalho em esconder. Não mesmo!

E o que é aquele pequeno brilho? Ele está usando um diamante discreto em sua orelha esquerda? Minha nossa, existe algo mais quente do que um homem de terno, mostrando uma pitada do seu lado travesso? O que um cara desses estaria fazendo na editora?

Eu estou praticamente hipnotizada, quando ele quebra o silêncio, me acordando de meus devaneios.

— Terminou a inspeção? Espero que tenha gostado do que viu. Agora, se possível, poderia me dar passagem? — sou tomada pela vergonha, uma vez que eu não tinha me dado conta do tanto de tempo que fiquei o observando.

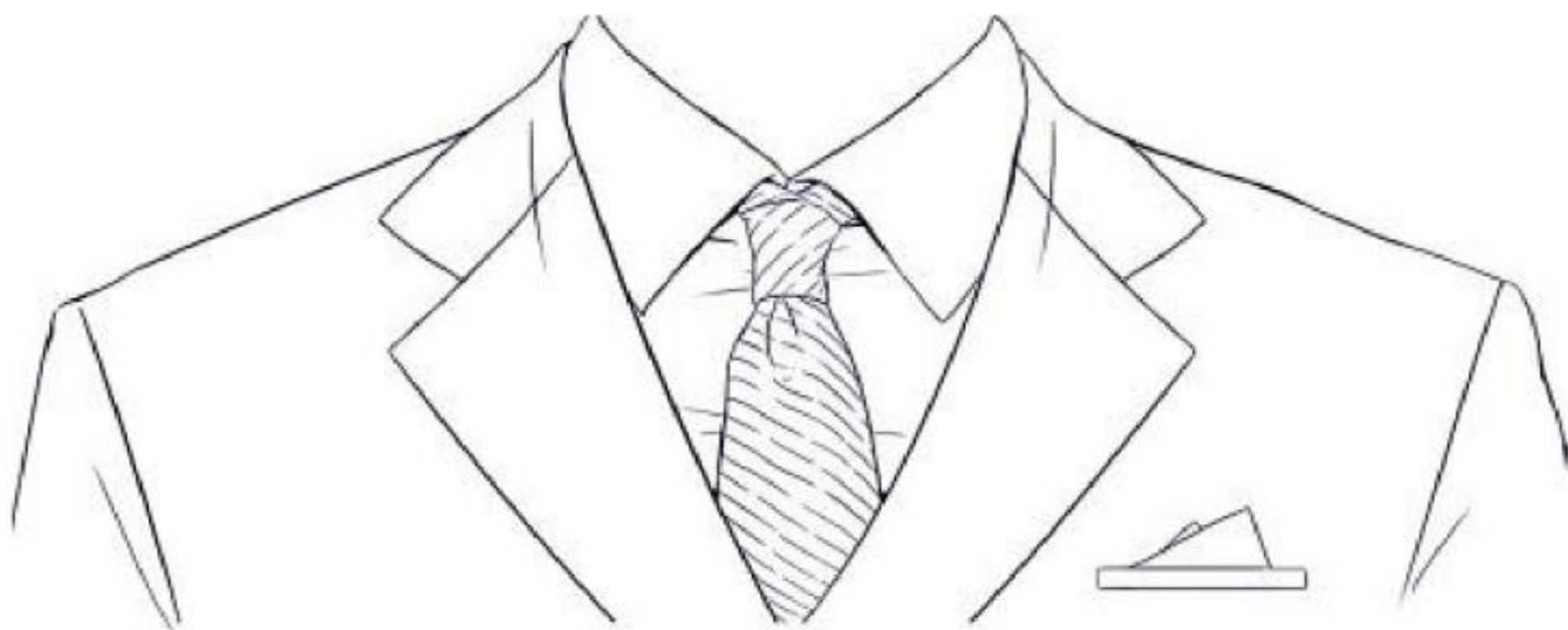
— Senhor, desculpe-me. Eu estava distraída e com pressa. Não percebi que alguém estava vindo.

Agora é a vez dele fazer seu escrutínio. Baixa seu olhar em direção ao meu corpo e passeia com eles até fixá-los em meus olhos negros. Engulo em seco quando um par de olhos arrasadores brilha como se estivesse carregado de luxúria.

— Sem problemas, Laís, nos vemos outra hora — levanto uma sobrancelha como uma grande interrogação. Ele prossegue. — A propósito, você está atrasada. Eu não sou muito bom com atrasos.

Ele sai, me deixando atordoada. Eu repito algumas de suas palavras na mente a caminho da sala. Quem lhe disse o meu nome, o que significa “outra hora” e como ele sabe que não estou sendo pontual?

Droga! Agora é que perdi de vez mesmo.



## Capítulo 02

Com a mente como um turbilhão, corro para a minha sala, sentindo alívio quando meu chefe não flagra meu atraso, pego o livro didático que está sobre a mesa, tentando centralizar toda minha atenção nele.

Passo um tempo fazendo o meu trabalho, mas sou interrompida por uma voz que logo reconheço.

— Laís, lamento te atrapalhar, mas preciso de um pouco da sua atenção. O Sr. Antony Cavalcanti está convocando todos os funcionários na sala de conferências. Apesar do cronograma apertado, ele faz questão que todos estejam lá.

Sr. Osvaldo Vieira Filho parece muito eufórico com a presença do poderoso chefe na empresa. Ele abre um sorriso de orelha a orelha, mostrando seus dentes levemente amarelados, quando pronuncia o nome do tal CEO mandachuva do complexo editorial.

Eu confesso que não estou nem um pouco eufórica, mas fazer o quê? No meio de tantos funcionários, minha presença não faria qualquer diferença.

— Estou indo, Sr. Osvaldo.

— Não demore, filha.

Rapidamente guardo todo o meu material em uma gaveta e pego meu estojo de maquiagem na mochila. *Se você vai encontrar com os demais funcionários, precisa parecer pelo menos apresentável, Laís.* É o que faço.

Olho-me no espelho enquanto dou um pouco de cor suavemente ao meu rosto, realçando apenas meus lábios com um batom vermelho que comprei recentemente em um dos poucos caprichos que me permito ter no momento.

Corro para a sala de conferências onde todos aguardam a entrada triunfal do poderoso administrador deste império. Com certeza, é um senhor velho e careca que cria filhos pelo *Skype* porque sai de casa antes que eles acordem e quando volta, já estão dormindo.

— Você já viu o tal Cavalcanti, Laís? — Claudia pergunta, quase esfregando seus enormes seios siliconados em meu rosto quando sento ao seu lado.

— Não. Andei ocupada demais para investigar sobre ele.

Ela joga seus longos cabelos cacheados para os lados, escovando alguns fios no meu rosto.

— Ah, menina. Fiquei sabendo que o homem é lindo. Estou muito curiosa pra conferir o material.

Faço uma careta, já conhecendo o tipo de homem que Claudia gosta. Ela é secretária aqui na empresa e fica de olho em qualquer exemplar de macho que aparece vestido de terno, gravata e aparente ter algum dinheiro.

— Claro, Claudia. Tenho certeza de que ele é realmente maravilhoso, afinal é dono disso tudo, não?

Ela pisca os olhos, tentando entender o que acabo de dizer, mas parece que não consegue pelo que vem a seguir.

— O que tem a ver uma coisa com a outra, Laís?

E eu que sou loira!

— Deixa pra lá, Claudia. Ele deve chegar a qualquer momento e você terá sua oportunidade de conferir o material.

Sinto que meu celular está vibrando, então aproveito para verificar

as mensagens de *WhatsApp* e ver quem está tentando falar comigo. Abro um sorriso quando percebo que se trata de Leandro, mostrando sua preocupação como ele sempre faz quando percebe que algo está errado.

Meu amigo é realmente um querido. Começo a responder a mensagem quando ouço alguém limpar a garganta com muita vontade, na tentativa de chamar a atenção na sala.

Levanto o rosto, ainda com um sorriso que logo desvanece assim que me deparo com um par de olhos castanhos fascinantes, olhando diretamente em minha direção.

Cruzes, não pode ser. Será que isso é fruto da minha imaginação? O homem diante de todos está longe de ser careca e mais longe ainda de ser um senhor velho, cheio de filhos.

Meu sangue gela, pois se trata de nada mais, nada menos que o cara sexy, cheio de músculos e de olhar misterioso que esbarrou em mim na chegada e que sabia o meu nome mesmo que eu não tenha me apresentado. Oh, Deus, que péssima primeira impressão eu deixei!

— Minha nossa! — acho que minha voz sai um pouco mais alta do que eu gostaria, então tapo minha boca ainda aberta, tentando disfarçar.

— Boa tarde! Eu preciso muito da atenção de todos os presentes. Inclusive, solicito aos senhores que desliguem seus aparelhos celulares imediatamente.

Senhor, por que o olhar desse homem não sai de mim? Sou a única aqui com um aparelho ligado?

Desligo o celular tão rápido quanto minhas mãos permitem e vejo que a maioria faz o mesmo, em um ritmo frenético por conta do nervoso, mas eu pareço a única que ele espera se mover para prosseguir com sua fala. Logo eu que sempre prefiro passar despercebida pelos lugares.

— Como vocês já devem saber, eu sou Antony Cavalcanti, executivo e proprietário do complexo editorial Cavalcanti. O que vocês não sabem é que estou aqui não apenas para conhecer a editora de perto, mas porque pretendo passar um tempo na cidade.

— Sr. Cavalcanti, é um prazer tê-lo conosco. Espero que bons motivos te tragam até nós — meu chefe diz, claramente puxando o saco

de seu superior.

— Sim, obrigado. Na verdade, estou fixando a matriz da empresa aqui já que pretendo diversificar as publicações e ampliar o setor de livros didáticos.

— Que maravilha! — eu quase consigo ler os pensamentos de Osvaldo pleiteando um cargo maior na empresa.

Claudia bate seu cotovelo em meu braço e sussurra ao pé do meu ouvido.

— Eu não disse que o homem era tudo de bom? Meu Deus, ele vai estar nos meus sonhos mais molhados a partir de hoje. Eu dou fácil se ele quiser.

Olho para a mulher ao meu lado como se estivessem nascendo chifres em sua testa. Ela dá de ombros com a calma de quem fala sobre pastas e relatórios, inconsciente de que acaba de formar uma cena quente na minha cabeça na qual, em vez dela, sou eu quem está sobre uma cama, fodendo ardentemente com Antony Cavalcanti.

Quer dizer, eu não posso culpá-la. Talvez esse seja o pensamento de dez em cada dez mulheres aqui presentes.

— Será que vou ter que parar a todo o momento para pedir atenção? O mínimo que espero dos meus funcionários é postura no trabalho. Concorda, dona Laís?

*Não, não e não!*

Por tudo o que é mais sagrado, me diga que esse homem não acabou de chamar a minha atenção diante de todos os meus colegas? Que espécie de tirano ele pensa que é para me constranger desse modo? Juro que se eu não precisasse tanto desse emprego, eu o mandaria ir à merda neste exato momento.

— Claro, senhor. Já que todos pararam seus afazeres bastante atrasados para vir até aqui, o que se espera ao menos é que lhe deem total atenção.

*Putá merda!* Eu não sei de onde tirei coragem para enfrentar a fera, mas de repente estou me sentindo uma leoa. *Rá!* Espero que ele tenha entendido o meu recado.

Ele apenas me oferece um meio sorriso que só comprova o quanto é

arrogante, que se acha o dono do mundo e hum... lindo... Completamente lindo!

— Sim. Eu sou o tipo de homem que gosta de olhos nos olhos. Podem me chamar de egocêntrico, mas quando estou falando, quero toda atenção centrada apenas em mim.

Seu olhar é direcionado a todos, mas não consigo entender por que tudo o que sai da boca dele me parece tão pessoal e ao mesmo tempo tão... sensual.

Merda, eu acho que estou precisando me relacionar com alguém. Faz mais de um ano que não transo e isso já deve estar mexendo com alguns dos meus neurônios.

Ele leva cerca de meia hora comentando sobre seus planos de expansão para a editora, mostrando gráficos e números da empresa que só me levam a concluir que ele vai ficar ainda mais rico e que minha vida não vai mudar em nada por isso.

Quando termina seu discurso clichê de que somos uma equipe e que devemos vestir a camisa da empresa, todos os funcionários se mostram ansiosos para cumprimentá-lo e dar as boas vindas.

Que o diga Claudia.

— Você não vai falar com o chefe delicioso, Laís? — ela me pergunta, enquanto retira a tampa de um batom para realçar ainda mais seus lábios carnudos e chamativos. Tenho certeza de que o chefe vai adorar sua nova secretária.

— Não. Ele é realmente muito bonito, mas está fora do meu alcance. Principalmente porque prezo demais pelo meu emprego. Faça bom proveito, Claudia.

Ela parece feliz por saber que tem menos uma para competir pela atenção dele. Eu só quero voltar para a minha mesa, fazer um pequeno lanche, já que não almocei e minha barriga está roncando, e continuar meu trabalho que está longe de terminar.

Tento sair à francesa, sabendo que eu sou apenas mais um número naquela sala e ninguém vai perceber minha ausência. Ledo engano. Dou apenas alguns passos antes de ouvir meu nome pronunciado novamente.

Merda!

— Laís Oliveira, eu gostaria que fosse até a minha sala daqui a quinze minutos. E não coma nada porque a nossa conversa vai demorar, então pedi o almoço.

Mais uma vez tenho o olhar de toda a empresa voltado para mim, mesmo que o tom de voz dele não faça qualquer menção a uma conversa pessoal. Tenho certeza de que meu rosto está da cor de um pimentão agora.

Balanço a cabeça, assentindo e saio da sala o mais rápido possível. *Inspire, expire! Inspire, expire!* Faço esse exercício a caminho da minha mesa, me questionando que diabo de assunto esse homem teria a tratar justamente comigo.

Definitivamente, hoje não é o meu dia de sorte.





## Capítulo 03

Maldito relógio.

Não consigo pensar em mais nada além do fato de que vou me encontrar com o cara mais lindo com quem já me esbarrei, literalmente, daqui a exatos... dois minutos e trinta e seis... trinta e cinco... trinta e quatro segundos.

Você consegue ter uma ideia de quantos assuntos possíveis já elenquei nessa droga de cabeça que insiste em apenas pensar e pensar?

Faz ideia do quanto é frustrante alguém dizer “quero falar com você daqui a quinze minutos” e esses tais quinze minutos parecerem mais como uma hora?

— Ei, sua vadia sortuda, o que você fez para chamar atenção daquele deus dos livros? Porra, eu juro que só queria uma chance de estar em seu lugar e ele nunca mais ia me deixar sair daquela sala.

Rolo os olhos e sorrio quando Claudia invade meu espaço, cheia de caras e bocas, gesticulando enquanto fala. Tudo para ela tem um fim sexual. Não há uma só conversa que tome outro rumo.

Bonita como é, talvez os homens não consigam pensar em outro assunto ao seu lado. O problema é que eles a querem como um troféu

que depois perde a graça. Ela sempre volta para chorar no ombro de um de nós aqui da empresa.

— Não deixe sua mente corrompida falar por você, Claudia. Você não o ouviu dizer que está ampliando o setor de livros didáticos? Com certeza tem a ver com isso.

Mais uma vez, ela joga a cabeça para o lado, levando o montante de cachos amendoados e bem definidos junto com o movimento.

— Eu não perderia essa oportunidade, mas sei que você é muito inocente para tirar proveito da situação. Não sabe o quanto é bonita escondida atrás desses óculos cafonas e... — olha para a minha roupa com nojo — esse vestido marrom. Quem usa marrom hoje em dia?

Bufo ao ouvir tanta superficialidade.

Eu sei, você acha que eu deveria dar uma resposta à altura ou mandá-la ir para puta que a pariu. Acontece que eu conheço Claudia o suficiente para saber que ela usa essa armadura a fim de parecer algo que não é.

No fundo, não passa de uma mulher frágil em busca de ser amada, mesmo que faça um trilhão de escolhas erradas.

— Você precisa de mais alguma coisa ou já terminou sua aula sobre cores adequadas para roupas?

— Meu amorzinho, pode não parecer, mas eu só quero o seu bem — aceno, mostrando uma ponta de sarcasmo. — O homem quer falar com você agora. Divirta-se!

Olho para ela como se fosse louca e me levanto para atender ao chamado do meu novo chefe. Apesar do nervoso, mil e um motivos passam por minha mente para justificar ser convocada pelo CEO da editora.

Decido ser otimista e me apegar aos bons motivos. Não há o que temer. Não é como se eu estivesse fazendo qualquer coisa errada. Quer dizer, além de me atrasar quase todos os dias, claro. Mas esse não é exatamente um crime que viola o Código Penal.

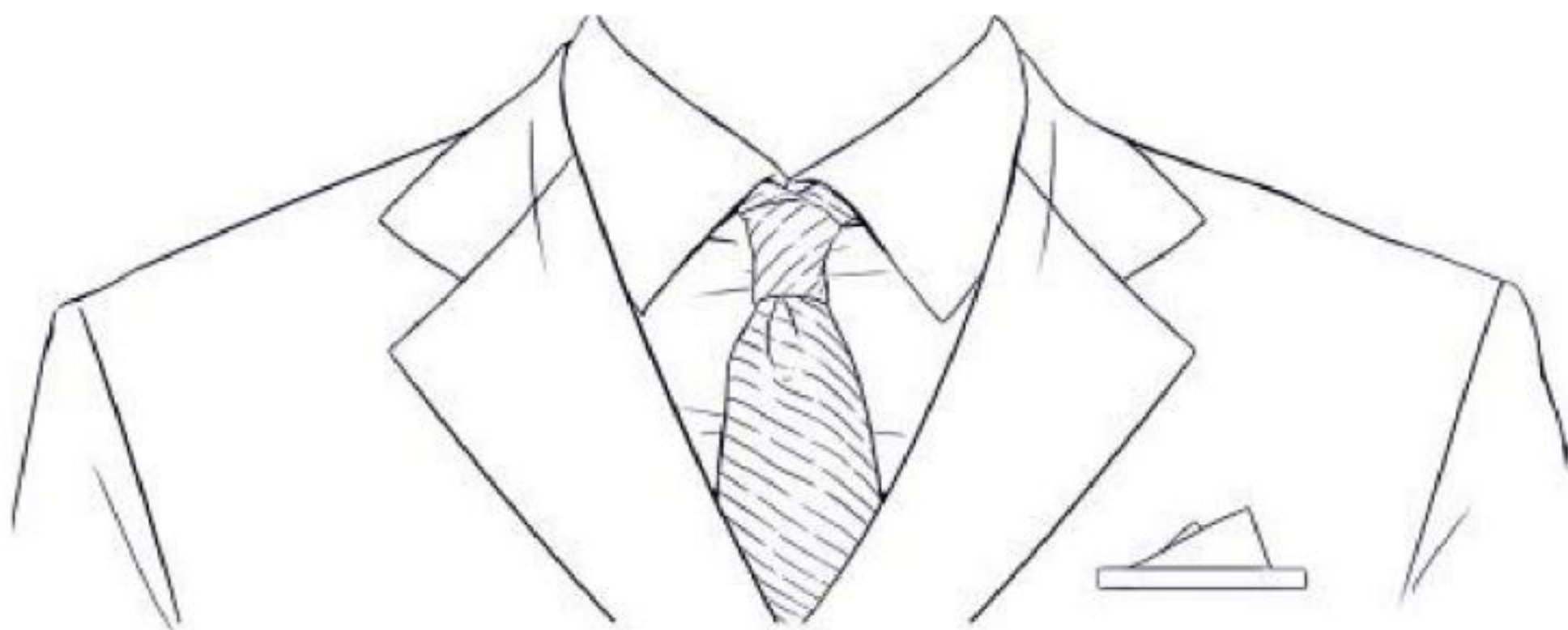
Ajeito meu vestido marrom e me xingo mentalmente por ter escolhido essa peça hoje. Não que eu esteja preocupada com a última moda em Paris ou se a cor dele não é vibrante o suficiente, só que está

um pouco justo demais, abraçando meus seios e minha bunda como uma segunda pele.

Droga!

Minha esperança agora é de que Antony Cavalcanti seja gay ou fiel demais a quem quer que seja para reparar nesse pequeno detalhe, embora o homem exale masculinidade e virilidade pelos poros. Pensando bem, a primeira opção está completamente descartada.

*Vamos lá, Laís. Seja o que Deus quiser.*



## Capítulo 04

Bato na porta e aguardo que autorizem a minha entrada. Enquanto isso não acontece, decido observar o ambiente ao meu lado, já que nunca tive acesso a essa parte da editora antes. Poucos já foram autorizados a vir até aqui.

Dou asas à curiosidade, percebendo o quanto esse andar é diferente dos demais em cada detalhe. Onde trabalho, há livros espalhados por todos os lados, gente andando pra lá e pra cá, outras tantas concentradas na leitura de algum material.

Se eu pudesse opinar, diria que não gosto da impessoalidade deste escritório. Falta gente, faltam livros, na verdade falta vida, embora seja imponente, sofisticado como o próprio CEO aparenta ser.

*Humpf!* Não é tão difícil imaginar como seja a mulher desse cara. Com certeza linda de morrer e tão nariz em pé que pisa em qualquer um sem olhar duas vezes.

Se ele tiver mulher? Claro que ele tem. Um homem como ele jamais estaria disponível no mercado.

— Laís, que bom que você veio. Entre. Estávamos justamente falando sobre você.

Meu chefe imediato é quem abre a porta com o enorme sorriso amarelado ainda preso em seu rosto como uma máscara que ele precisa manter durante todo o dia.

Me pergunto se o maxilar dele não está doendo. Talvez tenha que fazer alguns exercícios na boca quando chegar em casa. Espera, mudando de assunto, ele disse que estavam falando sobre mim? De que forma eu poderia interessar a um homem como Antony?

— Eu espero que não tenha feito nenhuma besteira para me tornar o assunto entre vocês. Pelo menos nada que me faça sair dessa sala algemada.

Brinco, tentando acabar com meu próprio nervoso, mas vejo que não vai adiantar, principalmente porque o poderoso chefe está me dando um olhar estreito, sério, quase concentrado demais para o meu gosto. Engulo em seco, quando me dou conta de que já comecei cometendo uma gafe.

Minha nossa, por que eu simplesmente não fico com minha boca fechada?

E o pior de tudo é que não paro de pensar o quanto ele fica ainda mais lindo com sua testa franzida e olhar inescrutável, determinado, me fazendo alvo contínuo de sua inspeção, quando eu deveria estar totalmente no modo profissional.

— Você não fez qualquer besteira, filha. Pelo contrário. O Sr. Cavalcanti elogiou muito seu trabalho o que é bom, já que estamos fechando um importante contrato neste setor.

Sr. Osvaldo parece bastante orgulhoso ao falar, me deixando aliviada por saber que pelo menos minha vida profissional está indo por um bom caminho, embora eu tenha outros horizontes a alcançar.

— O que é isso, Sr. Vieira, todos aqui fazem um grande trabalho — volto minha atenção para Antony, que ainda não disse uma palavra, aumentando minha aflição. — Espero contribuir para que não se arrependa de ter se mudado pra cá.

Ele se move, passando sua mão grossa e bronzada sobre a mesa, sem nunca tirar os olhos de mim.

— Tenho certeza de que não me arrependerei e que você poderá

contribuir bastante para isso.

*Oh, Deus, por que sinto meu corpo pegar fogo repentinamente?*

— Eu quis dizer, Sr. Cavalcanti, que espero que não se arrependa de ter mudado a sede da empresa para a nossa cidade — tento trocar minhas palavras, fazendo uma nota mental de ter cuidado com elas no futuro.

— Faremos o possível para que isso não aconteça. Você tem grandes chances de crescer na editora, Laís. Eu estava justamente falando ao Sr. Cavalcanti o quanto você é estudiosa e esforçada. Já está concluindo o mestrado, não é mesmo?

Meu chefe continua cheio de uma animação nada contagiante, alheio à atmosfera pesada na sala que certamente apenas Antony e eu estamos sentindo. Fico incomodada, de certa forma.

— Sim, estou no último período.

— Que maravilha! Nós a queremos em período integral aqui na empresa.

Aceno positivamente mesmo que meu desejo seja gritar que não pretendo passar o resto da minha vida trabalhando na editora quando tenho sonhos a alcançar.

Não é que eu não goste do que faço. Tudo que envolve o mundo dos livros me fascina. A questão é que quero trabalhar na minha praia que definitivamente não são os livros didáticos.

Quero viver e respirar literatura.

— Você está bem com isso, Laís?

Antony Cavalcanti me tira do devaneio quando sua pergunta à queima-roupa me faz questionar se ele é algum tipo de vidente que lê pensamentos ou algo do tipo, ou se eu sou tão óbvia assim, mesmo que não tenha dito uma só palavra.

— Cla-claro — respondo instintivamente.

Ele se levanta, dando a volta na mesa até que para diante de mim, ainda recostado sobre ela, e seu olhar corre para meu chefe ao mesmo tempo que aponta a porta do escritório.

— Você pode ir, Osvaldo. Laís e eu temos muito o que conversar

esta tarde.

Oswaldo pisca várias vezes, antes de responder.

— Mas... eu pensei que... essa reunião seria entre nós três.

— Pensou errado. O que eu tinha a tratar com você já foi dito, agora o assunto só interessa a mim e a ela. Você certamente tem muito trabalho a fazer para colocar os prazos em dia. Pode se retirar.

Sabe aquele momento que você sente vergonha alheia? É o que estou sentindo agora. Ele está sendo prepotente e autoritário demais quando poderia conversar de uma forma mais amena.

Eu não gostaria de ser tratada assim se fosse eu a chefe. Não permitiria que tirassem minha autoridade na frente de um subordinado.

*Por favor, Deus, não permita que ele aja como um ogro comigo e eu acabe botando tudo a perder. Eu preciso tanto desse emprego.*

— Eu... eu estarei lá embaixo, se precisar.

Oswaldo me olha, completamente confuso, e sai com o rabinho entre as pernas, resabiado.

Antony acompanha seus passos, até que a porta se fecha atrás de nós. Eu começo a ficar apavorada agora que estamos sozinhos nesta sala e não há ninguém para amenizar o peso que a presença dele exerce sobre mim.

Ele leva seu tempo apenas me encarando com as mãos cruzadas sob o queixo e o corpo recostado na mesa. Se ele soubesse que não funciono bem sob pressão, acabaria logo com essa merda em vez de fazer tanto suspense.

Respiro fundo, soltando de vez todo ar dos meus pulmões e ele toma isso como uma deixa para começar finalmente a tal reunião.

— Tranque a porta, por favor — apesar do “por favor”, seu tom de voz deixa claro que não está pedindo. Está ordenando.

Tranco a porta confusa já que ninguém ousaria entrar em sua sala sem ser convidado. Ele prossegue.

— Para começo de conversa, quero que me chame de Antony assim como a chamo por seu primeiro nome. Laís... — ele testa. — É um lindo nome, por sinal.

— Obrigada. O seu também é muito bonito.

De onde vem isso? Não estamos exatamente num boteco, trocando apresentações. Intimidador seria a palavra certa para um nome e sobrenome tão fortes.

— Você sabe que está trabalhando com o autor mais importante desta editora, não é mesmo? Os livros de Milton Antônio de Melo são os mais requisitados do setor educacional. Não há espaço para erros nesse material. Conte-me como conseguiu ser a escolhida para revisar os livros dele.

Eu fui? Nem sabia que havia passado por uma seleção. É claro que conheço as obras de Milton, mas elas simplesmente apareceram na minha mesa e pronto. Comecei a revisar.

— Talvez você deva perguntar os critérios ao Sr. Osvaldo. O que eu posso afirmar é que levo muito a sério meu trabalho, independente de quem seja o autor.

— Você chega atrasada todos os dias, sai sempre no horário sem disponibilidade para se estender até tarde, trabalha somente um turno, já está com o prazo apertado. O quão sério você está levando isso?

Agora é minha vez de lhe dar um olhar desafiador. Não gosto de ter minha competência questionada, uma vez que me doo de corpo e alma quando estou na editora.

— Talvez o seu informante tenha esquecido de dizer que eventualmente levo trabalho para casa, que estou num período importante do mestrado em que preciso me concentrar na tese, que deixo de almoçar quase todos os dias para chegar o mais rápido possível e que rendo muito mais do que dois ou três funcionários que param a todo momento para tomar cafezinho e bater papo. Então, Antony, parece que estou levando isso muito, muito a sério.

Solto tudo como um desabafo, sem pausa para respirar.

Ele bate uma caneta sobre a mesa, voltando a avaliar meus traços com um olhar penetrante. Seus olhos parecem estar em um tom castanho, quase mel. Eu podia jurar que estavam verdes agora há pouco.

Repentinamente, ele esboça um sorriso que não enche seu rosto, mas é suficiente para mostrar o quão sexy pode ser com apenas pequenos gestos.



Gente do céu! Minha mão está coçando para traçar sua boca como um mapa e me certificar que sua pele seja tão macia quanto minha intuição está dizendo.

*Um homem desses pode ter a mulher que quiser, Laís. Não é como se você tivesse qualquer chance de ser vista por ele, ainda mais em seu vestido marrom. Acalme-se!*

— Gostei de sua resposta. Daria uma excelente advogada. Diga-me outra coisa. Costuma vir sempre com roupas tão provocantes quanto esta?

Oi? Eu não estou dizendo que esse homem tem algum poder sobrenatural de ler pensamentos? Mas, será que escutei bem? Ele está dizendo que meu vestido marrom, fora de moda, que ninguém usaria na São Paulo Fashion Week é provocante?

— Desculpe?

Ele passa a andar pelo escritório, me deixando ainda mais nervosa.

— Vou me fazer entender melhor. Você vem sempre com roupas tão grudadas em seu corpo que quase não te permitem respirar e que podem desconcentrar seus colegas de trabalho?

Ei, como essa conversa saiu dos livros e veio parar na minha roupa?

— Foi para isso que me chamou em sua sala? Será que não temos assuntos mais importantes para tratar do que minha roupa? Se você acha que estou vestindo algo inadequado, por que não adere ao uso de uniformes para os funcionários? Eu não acho que esteja descumprindo qualquer regra da empresa, mas comentários como o seu tenho certeza que sim.

Ele levanta as mãos, em sinal de rendição, claramente se divertindo por me tirar do sério. Eu preciso muito desse emprego, mas não vou permitir que qualquer um pense que tem direito a me assediar e que eu aceite calada. Mesmo que ele seja um homem inquietante como este à minha frente.

Desculpe se fiz soar como uma crítica. Foi apenas uma observação, mas você tem razão. Acho que eu consigo me concentrar assim como seus colegas precisam fazer todos os dias, embora eu deva confessar que será uma tarefa difícil.

Ele ri com vontade agora e... uau... é simplesmente o sorriso mais fantástico que já vi, mostrando levemente duas covinhas nas bochechas. Será que aquela história de que existem anjos na terra é verdade? Se bem que talvez ele estivesse mais para um belo demônio.

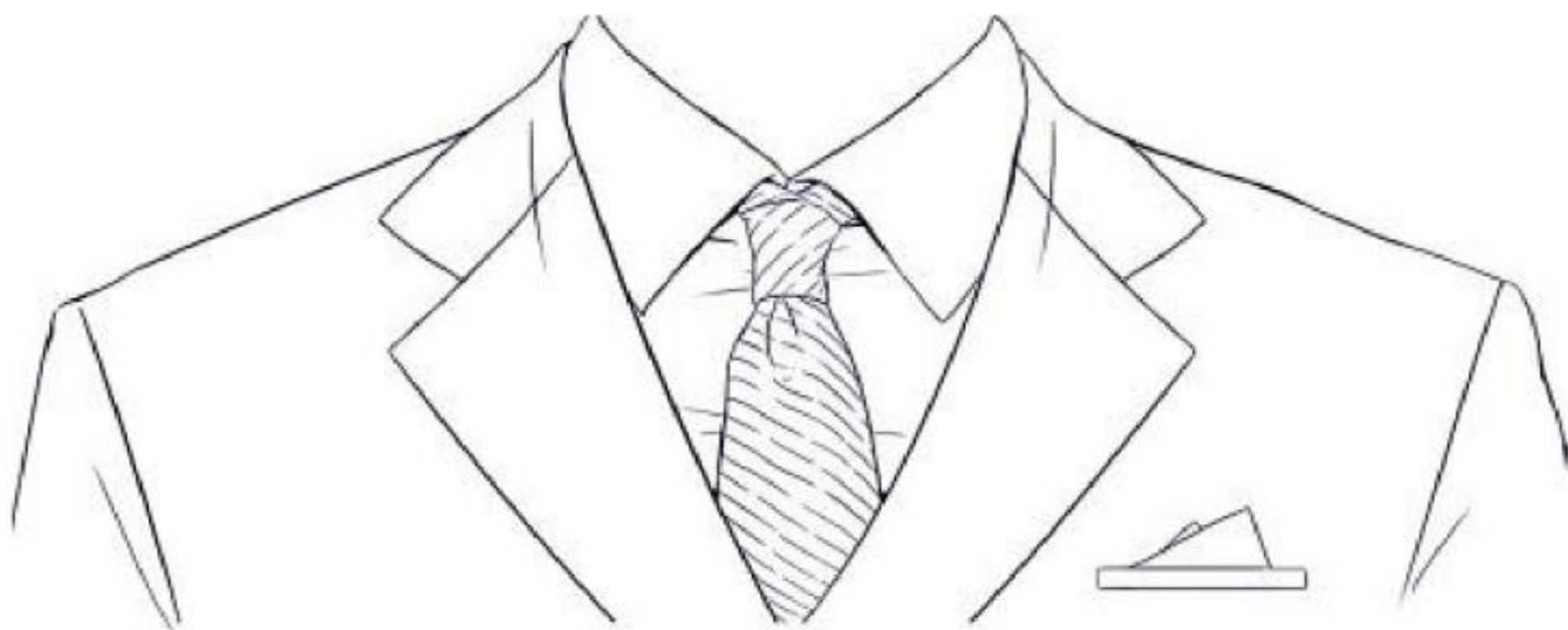
Ah, meu paizinho querido. Nunca em mil anos eu esperaria que um homem como ele me desse um segundo olhar. Por que não Claudia? Por que não tantas outras mulheres bonitas na editora? Logo eu que não faço questão nenhuma de me tornar a Miss editorial.

— Por que estou aqui, Antony?

Ele me ignora e dá a volta em sua mesa, pegando o telefone para falar com alguém. Ouço quando manda entregarem o almoço em sua sala dentro de cinco minutos e desliga sem usar o famigerado “por favor” que usou comigo.

Olho para a sua mão direita e percebo um brilho típico dos caras comprometidos. Ele tem uma noiva, claro! O safado é comprometido e está jogando indiretas baratas pra mim. *Argh!*

— Agora, vou direto ao ponto, Laís. Eu preciso de você muito mais do que planejei a princípio, por isso, tenho que te fazer uma pergunta. Você tem namorado, noivo, marido ou qualquer outro compromisso com um homem?



## Capítulo 05

Céus, será que bati a cabeça em algum lugar e estou sob efeito do tombo? Eu não consigo entender aonde ele quer chegar com essa pergunta.

*Sim, eu tenho um grande compromisso, querido. Você não sabe o quanto ele consome do meu tempo.*

— Tenho apenas Alfred que é meu...

— Entendo — ele parece irritado — E que tipo de relação você tem com ele?

Esse homem está começando a me dar medo. Ele não estaria indo com sede demais ao pote? Ao mesmo tempo que questiono seu comportamento, sensações começam a se manifestar. Eu sei que ele está se mostrando autoritário, arrogante e com todos os sinais de que é um maldito mulherengo, mas não entendo porque sinto ondas de calor só em estar próxima a ele e o clima do ambiente começa a ficar pesado.

*Controle-se, Laís, você não é assim.*

— O tipo de relação mais verdadeira que possa haver entre um cachorro e sua dona.

Ele demonstra alívio.

— Ótimo. Então, Alfred não vai se importar se sua dona tiver que chegar um pouco mais tarde algumas vezes na semana, não é?

— Se for realmente necessário, não, mas estou conseguindo cumprir o cronograma em um turno.

— Não é o suficiente. Eu preciso de você... por mais tempo na empresa.

— Acontece que... o meu contrato com a editora estabelece o meu horário até as dezessete horas.

— Esse é o problema? Nós pagaremos hora extra. O fato é que o panorama da empresa mudou e sua presença será indispensável nessa fase de ampliação. Posso contar com você, Laís?

Levo alguns segundos para pensar e me vejo sem saída. Sonho em ser professora universitária, porém enquanto estudo para isso, tenho que manter meu emprego atual.

Ficar até mais tarde perto dele será uma tortura, pois só nesse pouco tempo que estamos juntos já me sinto um tanto asfixiada, imagine a convivência por mais dias. Esse homem é de tirar o fôlego.

— Claro — solto, com ar de vencida. — Pode contar comigo. Sua noiva não se importa que dedique tanto tempo à empresa?

Que diabos de pergunta foi essa? Desde quando deixei de ter papas na língua, pelo amor de Deus?

— Essa é uma forma de retribuir a pergunta que te fiz? Por acaso está querendo saber se sou um homem comprometido?

Seu olhar corre para a aliança brilhando no dedo anelar, em seguida volta para o meu rosto, com uma ponta de diversão nele.

— Não... na verdade, eu não sei por que fiz essa pergunta. Me desculpe, isso não é da minha conta. Esqueça o que perguntei, está bem?

— Você precisa saber que meu coração está na minha empresa, Srta. Oliveira. Não foi fácil ganhar o mercado e nem é fácil mantê-la. Nenhuma mulher conseguiria permanecer ao meu lado se quisesse ocupar um lugar maior que o complexo editorial em minha vida.

Ele me chamou de Srta. Oliveira? Onde foi parar aquela história de chamar pelo primeiro nome?

Deus, a noiva dele deve ter sangue de barata. Por mais bonito e rico que ele seja, uma mulher deve ter o mínimo de amor próprio.

— Eu não aceitaria nada menos do que ocupar um lugar maior do que o trabalho no coração de um homem.

Alguém costura minha boca, por favor. Eu sempre me orgulhei de ser uma mulher controlada e sensata. Agora estou falando tudo que me vem à cabeça, justamente para o cara que paga as minhas contas. Por que ele tem esse poder de me tirar do sério?

Ele me olha atravessado, mas ainda percebo aquele ar divertido de outrora.

— Claro. Você ainda é uma dessas mulheres românticas e ingênuas que precisa apenas da primeira queda para entender que a vida não se trata de um conto de fadas.

Ah, não. Agora ele vai ouvir. Não quero saber se é o dono dessa porra toda, se paga meu salário ou quem quer que seja. Ele não pode me dizer esse tipo de coisa e me manter calada. Não mesmo.

— E você é um dos tipos arrogantes que acha que todos são como fantoches e é você quem detém as cordas. No mínimo pensa que a sua verdade é a única a ser considerada e o resto do mundo que se exploda se não pensar com a mesma frieza que você.

— Você chegou bem perto de me desvendar, Laís, mas qual é a graça de saber tudo sobre mim de uma só vez se isso tira o prazer de descobrir ao poucos?

— O quê? Eu não tenho interesse em descobrir nada sobre você.

*Mentira, mentira, mentira.* Minha curiosidade está cada vez mais aguçada.

— Traga o livro que está revisando. Vamos trabalhar juntos — ele diz, secamente.

Sua voz grossa faz com que meu corpo se esforce para obedecer como se fosse um convite sensual e me dou conta naquele momento que se acaso esse homem tentasse algo mais, seria muito difícil resistir.

Saio do escritório sem olhar para trás, me perguntando como conseguirei achar concentração com ele circulando à minha volta. Sua presença é marcante, intimidadora a ponto de me deixar confusa, quase

sem encontrar raciocínio lógico no pouco tempo que estive ao seu lado.

Antony Cavalcanti definitivamente é do tipo que passa por cima de tudo e de todos como um trator desgovernado para conseguir o que quer. Eu não quero ser atropelada por sua sedução barata e seu olhar intenso.

Não quero e não vou.

Por mais tentador que seja, a última coisa de que preciso é uma foda rápida com meu lindo chefe e encontrar minha carta de demissão alguns dias depois pela situação constrangedora que ficaria entre nós.

*Deixe de delírio, Laís, você deve ser a única aqui que está pensando em sexo. Ele é um cara arrogante e autoritário, a intenção foi te constranger falando do quanto você se veste inadequadamente para o trabalho, sonha com contos de fadas e deve se dedicar mais ao trabalho. Se enxergue!*

Entro no elevador sozinha e encontro um enorme espelho me olhando. Decido tirar os óculos, que uso para leitura e para manter um ar profissional, e encaro aquela imagem feminina ali refletida.

Apesar de estar um pouco mais cheinha do que eu gostaria, o que vejo diante de mim me agrada. Minha amiga Alana e mais outras colegas da editora cansam de dizer que tenho bunda e grandes peitos de dar inveja a qualquer atriz pornô. Sinto-me constrangida quando ouço isso. Eu gostaria que fossem menores.

Grandes olhos negros, levemente puxados em suas extremidades, me encaram, passeando pela minha pele clara, enrubescida, quase combinando com o batom vermelho que marca meus lábios grossos.

Junto meus cabelos em um rabo de cavalo com as mãos e decido fazer um coque frouxo, sem usar qualquer prendedor. Eles são a parte que mais gosto em mim. A maioria das pessoas não está contente com os seus. Querem cachear, alisar. Eu gosto deles longos, claros e pesados exatamente como são.

O elevador se abre no andar de baixo, me trazendo de volta à vida real. Corro para a minha sala, pegando o livro sobre a mesa, ciente de que alguns olhares interrogativos buscam encontrar respostas nas minhas feições. Eu os ignoro.

Passo por Claudia que, claro, pensa em vir em minha direção, mas

eu levanto a mão a impedindo de se aproximar e, para meu alívio, ela entende meu recado.

Sei que o *quiz* das cinquenta perguntas vai começar assim que ela tiver outra oportunidade, mas pelo menos estou livre dela por algum tempo.

Pego o livro sobre minha mesa e volto para o melhor modo revisora de livro, alcançando o andar executivo da empresa. Entro novamente na sala do CEO, mas engulo em seco, surpreendida com o que vejo.

Sem levantar o olhar em minha direção, ele brinca de enfiar e puxar um lápis do apontador, de forma concentrada, séria, como se estivesse fazendo uma atividade muito importante.

Deus, que dia eu comecei a ver maldade em tudo à minha volta? Por que qualquer movimento desse homem parece que tem um tom sexual para mim?

*Isso é o que dá ficar tão concentrada no trabalho, universidade e esquecer de satisfazer suas próprias necessidades. Acho que vou comprar um daqueles brinquedinhos quando sair da editora hoje.*

Coço a garganta, mas ele não me olha. Apenas aponta a cadeira em sua frente, me convidando a sentar.

— Vamos almoçar antes do trabalho. Eu sempre acho que mulheres satisfeitas são mais produtivas.

Está vendo que não é coisa da minha cabeça? A culpa é dele por ser tão... ambíguo.

Uma mesa cheia de opções de carnes e saladas se estende diante de nós. Escolho um pouco de cada e tento engolir a comida mesmo sendo tão difícil já que estou sob o peso de um olhar que parece também bastante faminto, se é que você me entende.

Depois de fazer do almoço quase uma missão, abro o livro que estou revisando no lugar onde havia parado, mas sua atenção de forma alguma está no material.

Ele levanta as vistas e passa a me encarar, mantendo seus olhos grudados em mim por um longo, longo tempo em um silêncio incômodo. Sei que meus olhos estão ainda maiores, assustados com seu escrutínio que parece me desnudar.

*image  
not  
available*



homens, mas diz que tem apenas um cachorro. Por que não tem um namorado?

O que me deixa mais perturbada é que ele está me bombardeando de perguntas com uma aparência profissional inabalável. Quem entrar naquela sala pode apostar o dedo mindinho que estamos falando sobre livros e não sobre mim.

— Eu não tenho tempo para namoro. Estudo, trabalho muito e estou focada em alcançar um objetivo, portanto como vê, não há espaço para um namorado em minha vida.

Ele me inspeciona a ponto de me intimidar com tanta virilidade, me deixando atordoada e corada por despertar tanto desejo em mim. O que está acontecendo comigo?

— Eu quero um resumo do livro. Tenho muito trabalho a fazer e você também. Meu tempo é precioso.

Como? O cara me bombardeia de perguntas pessoais, deixa no ar seu interesse e sou eu quem está gastando o seu tempo?

— Bem... é... o livro trata, de forma contextualizada através de textos e imagens, como o corpo humano funciona, seus órgãos e suas funções. Ele apresenta uma parte interativa... — continuo explicando a um empresário sério que quase não pisca mantendo sua atenção ao que eu digo.

Em determinado momento, ele me para, coloca o notebook entre nós, distanciando nosso contato e passa a teclar no computador como se eu não estivesse ali.

— Pode continuar trabalhando. Eu preciso checar meus e-mails.

Não trocamos mais nem uma palavra sequer pelo resto da tarde e da noite e nem tive o direito a um segundo olhar em minha direção. Esse cara só pode ser bipolar, não há outra explicação, mas é, sem dúvidas, o executivo mais bonito deste país.

Sua beleza é de encher os olhos. Como diria Alana, minha amiga e companheira de apartamento, “oh, lá em casa!”

— Já são nove da noite e você deve estar cansada. Como te prendi até agora, vou levá-la em casa.

Nove? Como as horas passaram depressa! Não vai dar mais tempo

*image  
not  
available*

— Definitivamente ele não é velho, muito menos gordo e careca, Alana.

— E esse mesmo executivo jovem, magro e cabeludo a prendeu na empresa até tarde? Porra, me diga que outros funcionários foram obrigados a ficar lá também.

— É... parece que não. Acho que apenas eu.

Alana me surpreende quando levanta da mesa e se ajoelha como se agradecesse aos céus por sua amiga ter finalmente desencalhado. Deus, como ela é exagerada e maldosa. Apenas digo que estou trabalhando e ela já tira suposições precipitadas.

Ela levanta e começa a fazer uma dancinha esquisita como se estivesse comemorando algo. Fecho os olhos e respiro fundo. Negar não vai adiantar nada mesmo, então deixo que ela faça sua cena por um tempo.

— Laís arrumou um namorado rico... Laís arrumou um namorado rico... — cantarola, rindo.

— Acabou o espetáculo? O homem é apenas meu chefe. Meu — chefe!

Ela senta novamente.

— Se você está enfatizando tanto essas palavras, é sinal de que ele é feio, não é?

Eu não lhe dou qualquer resposta. Enquanto mexo o suco com o dedo, minha mente vai de encontro à imagem de um rosto sério, mas com cada traço milimetricamente perfeito e másculo. Posso afirmar que não há nada de feio naquele homem.

Ela me tira do transe, quase me ensurdecendo, aos gritos.

— Não, ele não é feio! Seu chefe é bonito? Estou vendo em seu rosto que ele é. Diz pra mim, Lalai, você vai investir nele, não vai? Se ele for solteiro e você der mole, tenho certeza de que vai te querer. Você é tão linda e precisa ter alguém ao seu lado.

Ela quase não respira e está me deixando sem fôlego também.

— Deixa de falar besteiras, Lana. Você sabe que não tenho tempo nem para me coçar, quanto mais para me envolver com um cara tão

*image  
not  
available*

— Combinadíssimo! É uma pena que você não possa começar imediatamente com nosso plano. Ele não está na editora e ouvi Osvaldo dizer que ele não vem hoje. Nada melhor que um dia após o outro. Antony Cavalcanti ainda não sabe, mas será meu.

— Já viu o tamanho da aliança em seu dedo?

— Ah, Laís, ninguém é páreo pra mim. Será uma questão de tempo até que aquela aliança saia de lá ou não me chamo Claudia Aparecida.

Claudia Aparecida. Como eu gostaria que fosse apenas desaparecida.

Então hoje eu não o verei por aqui. Melhor assim, não é mesmo? Agora nada mais pode me distrair e ainda terei o bônus de sair em meu horário. Eu poderia ter mais sorte do que isso?

Minha mente diz que não, mas não entendo por que meu coração está começando a dizer que sim.

*image  
not  
available*

— Maravilha! Você não vai se arrepender. Eu tenho alguns deles e costumo brincar sozinha, acompanhada, às vezes até mesmo com uma amiga ou amigos e...

*Argh!* Não lembro do momento que perguntei sobre a vida sexual movimentada dela.

— Ok, — leio seu crachá. — Vanessa. Vou levar esses dois.

Entrego meu cartão de crédito a ela na esperança de que faça todo o processo ligeiramente para que eu dê o fora dali o mais rápido possível. Ela faz, contudo acho que a sorte resolve me abandonar nesse momento.

Uma voz rouca, masculina e familiar faz com que todos os pelos do meu corpo se arrepiem da cabeça aos pés. Não... Isso não pode estar acontecendo comigo.

— Eu gostaria de fazer algumas encomendas. Quem poderia me ajudar?

É ele. Eu não preciso me virar para saber que Antony Cavalcanti está no mesmo lugar que eu. E o pior, esse lugar é um sexy shop. Dá pra imaginar a cena? Eu estou em um sexy shop com o meu chefe lindo de morrer que me deixou com tesão ontem e é o principal motivo pelo qual estou aqui.

Oh, Deus, não permita que ele me reconheça.

Vanessa me entrega o cartão e corre para atender Antony. Antes, eu sussurro para ela.

— Acho que vou experimentar algumas lingerie, ok? Pode atender o cliente sem pressa enquanto estarei no provador.

Ela sacode a cabeça sem tirar a atenção do homem à sua frente. Pego uma tonelada de peças íntimas empilhadas em um cesto grande e corro para o provador, rezando para que ele suma rápido daqui.

Pensando bem, até que a ideia de comprar algumas peças não é tão ruim. Não devo ter nada sensual em meu guarda-roupa e talvez eu possa me dar esse pequeno luxo.

— Eu quero um estimulador clitoriano, duas canetas comestíveis de cores diferentes, lubrificantes, preservativos com aroma e gostaria de saber se esta loja aceita encomenda de braceletes de ouro 22 quilates.

— Ele é meu chefe na editora. Quer dizer, só o conheci recentemente e não tivemos muito contato. Sr. Cavalcante é o CEO, então, como revisora, eu só convivo com meu chefe imediato — minto, sem querer dar margens a especulações.

— Ah, então deve ser isso, mas ele continua te observando e por um momento tive a impressão de que não era um olhar de chefe para sua funcionária. Ele parece bastante irritado.

Levanto minha visão novamente na direção de Antony e percebo quando ele fala algo no ouvido do professor, que me busca pela sala até me encontrar.

Ele volta sua atenção para o patrono, balança a cabeça e Antony se despede da turma, sem voltar a me encarar. Sinto-me aliviada, mas não o suficiente, pois noto que algumas colegas me fitam e outras até cochicham alguma coisa, sem tirar os olhos de mim.

Baixo a cabeça e finjo que estou lendo a apostila da aula. Eu não gosto de ser o assunto central das fofocas. Não mesmo.

— Ele não tinha motivo para ficar irritado, Leo. Que eu lembre, não cometi nenhum erro ontem na editora. Deve ser impressão sua ou ele deve ser sério assim mesmo.

— É, deve ser impressão minha — Leo não parece muito convencido com o que diz.

A aula transcorre sem mais interrupções e desta vez tento me concentrar o máximo possível, já que não tenho nenhuma distração me preocupando.

Não vou mentir que vez ou outra minhas lembranças vão de encontro aos sonhos eróticos que tenho quase todas as noites, mas as coloco de lado assim que me dou conta de que há outro sonho maior que eu preciso conquistar.

E esse tem que ser bastante acordada.

A aula termina mais cedo, então respiro aliviada uma vez que não preciso sair correndo pelo menos hoje. Estou conversando com Leandro e já me aproximando da porta quando ouço o professor chamar pelo meu nome. Sim, a cena se repete. O que será desta vez?

Caminho em direção a ele, confusa, pois não faço a menor ideia do